

UM OLHAR SOBRE EXPRESSÃO DE GÊNERO DE JOVENS ADOLESCENTES NO ÂMBITO ESCOLAR¹

Jozemília de Jesus dos Santos Menezes²

Universidade Federal do Piauí - UFPI

josemiliaphb@hotmail.com

Deisy Christina Moreira Santos³

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

deisychristina@hotmail.com

Darlene Silva dos Santos⁴

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

darlene.tur@hotmail.com

RESUMO

O estudo versa sobre a expressão de gênero de jovens adolescentes de uma escola pública da cidade de Parnaíba-PI. Objetivou-se conhecer de que forma os jovens adolescentes do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Parnaíba lidam com as diversas expressões de gêneros no contexto escolar. Realizou-se observação do contexto escolar e entrevista semiestruturada, cuja análise deu-se a partir do aporte teórico sobre a temática. Percebeu-se que há preconceito próprio em relação as expressões de identidade de gênero que divergem do que é tido como normal pela sociedade vigente, que há a necessidade da maior exploração e pesquisa acerca das expressões de identidade de gênero e como vem se configurar nas relações interpessoais dentro da família, na escola e entre os pares, buscando a discussão e quebra de tabus relacionados a sexualidade, gênero e suas diversas expressões em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão de Gênero. Jovens Adolescentes. Contexto escolar.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que desde tempos remotos as expressões de gêneros eram adquiridas a partir do contexto social em que o indivíduo estava inserido, viu-se a necessidade de avaliar como os indivíduos as adquirem e expressam e também de que forma os lidam com essa expressão, ou seja, a partir de que pressupostos eles avaliam o que é certo ou errado no comportamento de meninos e meninas e como interagem com essa diferenciação. Considerando o fato de que, na atualidade mais que em tempos passados, há grande diversidade de expressões de gênero e sexualidade (heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade) e também os valores e comportamentos que se diferem e regem de maneiras diferentes as várias gerações que convivem em um mesmo espaço, nesse caso, o âmbito escolar.

¹ Trabalho resultante de projeto de pesquisa em nível de pós-graduação.

² Autora (1), Especialista em Docência do Ensino Superior-UFPI/Licenciada em Pedagogia e em Ciências Sociais -UFPI.

³ Co-autora (1), Mestranda em Teologia:Gênero, feminismo e diversidade-Faculdade EST

⁴ Orientadora (1), Doutoranda em Educação-UFPI/UFU

O estudo parte do seguinte problema de pesquisa: de que forma os jovens adolescentes do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Parnaíba-PI lidam com as diversas expressões de gêneros? Com vistas a encontrar respostas ao problema proposto, a pesquisa alicerçou-se sob o objetivo geral: conhecer de que forma os jovens adolescentes do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Parnaíba lidam com as diversas expressões de gênero. Tendo como objetivos específicos: identificar em que sexo os jovens adolescentes se reconhecem pessoalmente; identificar as identidades corporais dos jovens adolescentes; conhecer a preferência sexual dos jovens adolescentes e se já sofreram algum tipo de preconceito por causa de sua identidade de gênero.

O conceito de gênero emerge, principalmente, a partir da discussão formada no período em que, através das lutas feministas, houve a emancipação da mulher, trazendo a tona questionamentos sobre relações sociais de poder, as quais se diferenciam de sociedade em sociedade, ou seja, tem caráter absolutamente cultural, e pelas quais se demonstra o que se trata como feminino ou masculino dentro dos padrões de determinada sociedade. Na perspectiva de Louro (1999 *apud* MOLINA, 2010, p. 64): “(...) a construção de gênero é histórica e se faz e refaz constantemente, estamos entendendo que as relações de gênero, seus discursos e representações também são históricos e estão em constante mudança”. Diante disto, essas identificações se constituem como processos históricos e sociais, não podendo ser definido como biológico. Nessa concepção, Beauvoir (1960) que “ser é tornar-se, de que não se nasce mulher, mas torna-se mulher”. O menino não nasce menino, a menina não nasce menina, isso vai ocorrendo em meio a relações sociais e de acordo com a padronização que é imposta pela sociedade.

Já ao final da primeira infância, a criança apresenta relacionamento social, autoestima, aprendizado, entre outros fatores predominantes para a construção de sua personalidade, bem definidos. Esses fatores são, primeiramente, repassados pela família, porém, atualmente, desde muito cedo a escola e outros ambientes, como a igreja, também tornam-se agentes influenciadores e construtores da identificação do sujeito com valores e experiências culturalmente propostas e expressões de sua personalidade e identidade de gênero. Freud (1931) caracteriza-os como resultado da resolução dos conflitos edípicos, onde, a partir da resolução ou não dos mesmos há um desvio do padrão considerado como correto na dualidade supracitada, em que os sujeitos identificam-se com as qualidades tidas como do sexo oposto.

Há ainda, a introjeção das características determinadas como masculinas ou femininas que dão-se através da observação das relações de gênero dentro, primeiramente, do seio familiar e, em outros aspectos, dos ambientes de vivência do indivíduo, como a escola (MOLINA, 2010), onde os

comportamentos apresentados são encorajados ou repreendidos, moldando assim as atitudes dos sujeitos. Diante disto, pode-se afirmar que as crianças aprendem a se comportar de forma diferenciada, dependendo da forma como foram orientadas a agir. Ora, o que é ser homem e ser mulher não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. (FARIA e NOBRE, 2003 *apud* MOLINA 2010, p. 65).

Esses estereótipos que podem ser percebidos ao longo das análises das produções sobre o tema aqui abordado, foram formados e consolidados na época do patriarcado, porém são continuados e propagados por todas as instancias que fazem parte da construção da personalidade e vida do sujeito. Esses estereótipos que podem ser percebidos ao longo das análises das produções sobre o tema aqui abordado, foram formados e consolidados na época do patriarcado, porém são continuados e propagados por todas as instancias que fazem parte da construção da personalidade e vida do sujeito. Estereótipos são tipos fixos e mutáveis que caracterizam algo ou alguém. Os mesmos configuram-se como representações dos preconceitos, sendo as formas de manifestações dos mesmos. (AMARAL, 1998).

Podemos perceber a escola como principal agente modificador dos valores vigentes, no que diz respeito a promoção de atividades que podem ser desenvolvidas por ambos os gêneros, sem especificar que atividade corresponde só a um ou a outro. Posto que, havendo profissionais devidamente capacitados, a desconstrução dessa diferenciação e depreciação do feminino em relação ao masculino, proporciona assim a construção de uma sociedade realmente igualitária.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo alicerçou na abordagem qualitativa, pois buscou descrever, explicar e interpretar as informações coletadas no universo estudado, para coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada composta por oito questões subjetivas voltadas para as expressões e papéis de gêneros na turma do primeiro ano do Ensino Médio, com 15 alunos, sendo quatro do sexo masculino e onze do sexo feminino da Escola Estadual João de Deus (nome fictício), com alunos entre 15 e 22 anos. Realizou-se a observação sistemática e se deu tanto em da sala de aula, como nos corredores da escola, visando conhecer a relação entre os pares investigados. A interpretação e análise dos dados se deram por meio do embasamento dos autores que tratam em suas obras sobre a temática investigada.

Quando questionados sobre em que sexo se reconhecem pessoalmente, as mulheres, em sua totalidade, afirmaram que se reconhecem no sexo feminino, chegando a pontuar o quanto se “sentem ótimas sendo mulher” ou o quanto são “muito femininas”. Os quatro homens entrevistados também afirmam se reconhecer como do sexo masculino. Portanto, a forma pela qual o indivíduo identifica, absorve e representa os papéis de gênero já é tema de estudo há bastante tempo. Alguns teóricos postulam que os papéis de gênero são construídos ao longo da vida, de acordo com as relações interpessoais do sujeito, ou seja, através do meio em que ele está inserido, ou melhor, através dos valores propostos (ou mesmo impostos) pelo meio em que ele vive. (BANDURA & HUDSON, 1961 *apud* COSTA e ANTONIAZZI 1999).

Sendo estas as formas de manifestação social da identificação de gênero. A identidade é um componente acionador da realidade constituído pelos processos sociais e que a partir das relações sociais diversas é conservada e modificada. (MORAES, 2005, p.26).

Em relação as suas identidades corporais, duas das entrevistadas responderam que se definem com uma mescla de feminino e masculino, nove delas se definiram como apenas femininas e os rapazes se definiram como masculinizados. Pode-se perceber ainda através das entrevistas que há, tanto em homens como em mulheres, certa preocupação com o corpo, onde alguns pontuaram não se sentir satisfeitos por serem mais gordinhos do que a maioria ou por terem traços mais masculinos ou femininos que diferem do seu reconhecimento sexual. Assim, dentro da sociedade ocidental, as identificações de gênero diferem-se de época em época. Faria e Nobre (2003) *apud* Molina (2010) afirmam: “Ora, o que é ser homem e ser mulher não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. (p.62)

Em relação à opção sexual, apenas uma das onze mulheres entrevistadas, respondeu que tem interesse tanto em homens quanto em mulheres – bissexualidade, enquanto as demais mulheres e todos os homens entrevistados se colocaram como heterossexuais. Alguns afirmaram ainda já ter tido experiências homossexuais, mas que não se identificaram com as mesmas, reafirmando assim sua postura heterossexual.

A maioria dos alunos, quando questionados se já sofreram algum tipo de preconceito por causa de sua identidade de gênero, responderam que não, porém já presenciaram cenas de agressão contra indivíduos homossexuais. Uma das entrevistadas pontuou ter sofrido preconceito por causa de um beijo trocado com uma melhor amiga, onde “alguém viu e espalhou por aí”. Os demais

afirmam ter sofrido preconceito relacionado a cor, diferenças anatômicas, entre outros, mas não por conta de sua opção sexual ou identificação e expressão de gênero.

A visão polarizada dos gêneros esconde a pluralidade em cada polo, sendo assim, homens que se afastam dos padrões masculinos e mulheres que se afastam dos padrões femininos hegemônicos são considerados diferentes e sofrem discriminação ou subordinação. A oposição dicotômica evidencia a prioridade de um elemento sobre o outro (pois um deriva do outro). Isso facilita a existência de uma lógica que determina um lugar fixo para cada gênero e para os papéis que podem ou não desempenhar na sociedade em que se encontra e a qual dita regras culturalmente aceitas. (LOURO, 2001).

O “pré-conceito”, apresenta necessariamente dois componentes básicos, o desconhecimento concreto e vivencial e a atitude favorável ou desfavorável em relação a algo ou alguém. Isto é, o mesmo pode acontecer a partir do momento que o indivíduo passa a ser visto pela condição que possui e que foge daquilo propagado como normal na sociedade em que está inserido, e também através do convívio com uma pessoa diferente. Outra ação que pode expressar o preconceito é a correlação linear, na qual uma atividade considerada boa para uma pessoa, com determinada característica padrão, é considerada boa para todas as outras que possuem essa mesma característica. Além disso, o preconceito pode ser expresso pela precaução quanto ao convívio com uma pessoa diferente, o que, para Amaral (1998), caracteriza o medo do contágio pela convivência.

CONSIDERACOES FINAIS

Pode-se perceber a predominância da dualidade feminino/masculino proposta pela sociedade ocidental na qual estamos inseridos, que há ainda preconceito próprio em relação as expressões de gêneros que divergem do que é tido como normal pela sociedade vigente, posto que muitos, principalmente os sujeitos do sexo masculinos participantes, demonstraram certo machismo diante de questionamentos como com qual gênero se sentem mais a vontade de expressar ou como definem suas opções sexuais, chegando a afirmar que “são homens”, no sentido da demonstração de virilidade e poder que tal título abarca nos constructos da sociedade ocidental. Cabe aqui salientar que a principal responsável pela propagação e manutenção da dominação masculina observada não apenas nas entrevistas, mas na grande maioria da sociedade, é a instituição familiar, posto que é nela em que o sujeito vai apreender os estereótipos vinculados ao sexo masculino e feminino.

Apesar da importância do tema aqui pesquisado, o grupo observado ainda foi pequeno em relação à profundidade e complexidade do assunto. Assim, percebe-se que há a necessidade da maior exploração e pesquisa acerca das expressões de identidade de gênero e como vem se configurar nas relações interpessoais dentro da família, na escola e entre os pares, buscando a discussão e quebra de tabus relacionados a sexualidade, gênero e suas diversas expressões em sociedade.

REFERÊNCIAS

COSTA, F. O.; ANTONIAZZI, A. S.; **A INFLUÊNCIA DA SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO: percepções dos pais.** In: Paidéia. FFCLRP-USP. Ribeirão Preto. Junho/1999. p. 65-75.

AMARAL, I. A.; **Sobre Crocodilos e Avestruzes:** Falando de Diferenças Físicas, Preconceitos na Escola e sua Superação. In: Aquino, J. G. (Org)– Diferenças e Preconceitos na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas – São Paulo. Editora Summus. 1998. P. 11 – 30.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

FREUD, S. Sexualidade feminina [1931]. In:____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.* Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago, 1972. v. XXI. FARIA, Nalu, NOBRE, Miriam. **“Gênero e Desigualdade”.** São Paulo: Cadernos Sempre viva, 1997.

GOMES, Vera L. de O. A Construção do Feminino e do Masculino no Processo de Cuidar Crianças em Pré-Escolas. **Revista Texto Contexto Enfermagem.** Florianópolis, 2006; 15(1): 35-42.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2001.

MOLINA, Luana P. P.; CUNHA, M. de F. da. **Gênero e Sexualidade:** Construções da Escolar no Ensino Médio. In: I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. 2010, Londrina. Anais...Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p.63-75.

MORAES, E. L.; **Relação Gênero e Raça na Política Pública de Qualificação Social e Profissional.** – Construindo Identidades Sociais. V. 1; Brasília: MTE. SPPE. DEQ, 2005.